

Saudade, talvez, immerecida...

Especial para o DIÁRIO DA MANHÃ

LUIZ TEIXEIRA

Passando, num desses derradeiros dias, pela rua do Hospício, senti-me absorvido por estranha commoção. Recordei-me de Bibiano Silva, o maior escultor pernambucano na Arte nacional, bondoso e querido amigo meu.

Cheio de lindas esperanças, jungido às chimeras mais provocadoras, desconhecendo os dissabores nos quais precipuamente se fundamenta a Vida, alheio às cruciantes decepções que nos offerta o Mundo, esplendido de cubilosa Mocidade disposta à obtenção da Beleza raramente conseguida, invejável, de Intelligencia capaz de conduzi-lo aos extremos triumphos do Merito, Bibiano Silva, quando terminados os seus estudos na Escola Nacional de Bellas Artes, retornando ao Recife, installou-se à rua do Hospício.

O atelier do artista...

Erigido á custa de muita audacia, consequencia de absurdas economias, o atelier de Bibiano Silva symbolizava uma pagina de dramatica abnegação, capitulo de soffrimentos, dessas impressionantes paginas e desses commoventes capitulos buscados na tortura de Dostiewsky, denuncia da ingenua — e que se me afigura confortadora — existencia de espiritos voltados aos promettimentos da Fé, promettimentos de tardia ou negada objectivação...

Pelas paredes, esboços, desenhos, telas, carraças e frisos em gesso, medalhões de bronze. Disseminados pelas dependencias do atelier — duas salas pequeninas —, desordenadamente, tabuleiros com rodízios, pranchetas — supportando estudos, projectos, teques, grandes compassos de madeira —, maquette, bustos, placas e blocos de marmore bruto, montículos de barro e tudo mais condizente á escultura. Mobiliário resumido e archaico. Na pendencia posterior, um fogão de alvenaria, fumante.

E, ali, na estreiteza do desconforto do seu atelier muito amado, trabalhava e repousava Bibiano Silva. Acompanhava-o, na modestia de sua condicção, a humilde e na humidade da sua subsistencia, desvelada esposa — e filha — ignota Destino envolvido na corcova da Du...

modelos magníficos de desinteresse, padrões abençoados de honestidade, toda a Felicidade — a maior — do artista.

Lendo-me, esfou certo, Bibiano Silva não levará a significações bastardas a publica referencia que faço de episodios da sua passada vida intima. Sentir-se-á, sei, satisfeito e exultará de orgulho. Justo orgulho. Quantos, ao contrario de Bibiano Silva — a quem a pobreza estigmatizou —, quantos, detentores de ambientes requintados, não invejarão a indigencia doirada de Bibiano Silva pela crença das esposas que se deixaram seduzir por acenos de vida faustosa e lamentam a ausencia das filhas transviadas por joias mais tentadoras que aquellas oriundas das suas ternuras de pais...

Lutando contra todas as vicissitudes, numa incrível demonstração de coragem e de persistencia, indifferente á fragorosa derrocada que lhe tocava, no seu atelier, a cata da Perfeição suprema, incentivado pela presença constante e amiga da sua exclusiva ventura — a familia —, Bibiano Silva, physionomia serena de Crente, alma tumultuosa de Artista, trabalhava incessantemente. Trabalhava e sonhava...

Inutilmente!

Jamais me esquecerei

Foi em dezembro de 1932. Seriam nove horas da manhã. Como de costume, dirigi-me ao atelier de Bibiano Silva á procura de ensinamentos. Não m'os poudo fornecer o mestre pela fluencia da sua cultura artistica. Deu-m'os — numa advertencia a mais — o Homem pela eloquencia da sua maldade, pela firmeza da sua ingratidão, pela supremacia da sua ignorancia.

Postados á entrada do atelier, quatro policiaes interceptaram-me a passagem. Dentro, varios individuos arrolavam tudo quanto lhes cahia ás sequiosas vistas, na ignominiosa execucao de um mandado de despejo contra o artista que tivera a desgraça de nascer com normal estrutura organica, escravo de necessidades physiologicas irrecalcaveis, obrigado por inexoravel determinismo biologico a sentir FOME e que, para maior desgraça, acreditara no apoio, no applauso, no reconhecimento do seu proprio povo.

Deante dos escombros da catastrophe medonha que o attingira, o silencio incomprehenivel e o sorriso resignado do artista. Nenhuma censura. Nenhuma queixa. Nenhum lamento. Bondade de quem não sabe odiar. Singelo e nobre espirito.

Dias após, Bibiano Silva embarcava para o Rio de Janeiro...

Bibiano Silva, se não é um escultor na absoluta amplitude do termo, honra a escultura nacional — onde os valores são escassos.

Começou os seus estudos com Rodolpho Bernadeini, indo, depois, para a Escola Nacional de Bellas Artes. O seu professor de desenho foi Zeferino da Costa — mestre Zeferino — o magistral autor e restaurador da Candelaria, do Rio de Janeiro. Com Zeferino trabalhou o grande Teixeira Lopes e ambos legaram ao Brasil a mais vigorosa — e talvez a unica — obra de arte religiosa. Proclamando-lhe o vulto desmedido, é sufficiente o friso allegorico Apotheose a Santa Cecilia.

Discipulo, Bibiano Silva expoz no salão, em 1913, o seu trabalho Philoctetes, o heroe torturado e vencido da amargurada tragedia de Sophocles. E Escragnolle Doria — figura alentada de escriptor e critico de Arte — disse, acerca das possibilidades de Bibiano Silva: — "As primicias do seu talento são de vencedor. Louros e palmas".

Em 1918, aberta concorrência para a erecção do Monumento Nacional Commemorativo do Centenario da Independencia, a esta concorreram vinte e seis artistas de nacionalidades diferentes, dentre esses Brissolara, Ximenez e Keckel, o renomado escultor norte-americano que esteve no Brasil subvencionado pela Sociedade Americana de Bellas Artes. Brasileiro, feito exclusivamente no Brasil — o que é mais significativo — unicamente Bibiano Silva accorreu ao certamen. Como artista e patriota, apresentou a sua gigantesca maquette onde se observava um producto imaginativo soberbo, exteriorizado na mais bellas e apropriadas allegorias á nossa historia. Realizado o julgamento, Bibiano Silva obteve o terceiro lugar. Ximenez foi o vencedor. E a maquette que Ximenez apresentou assemelhava-se accentuadamente da que lhe deu a segunda collocação na Argentina, quando se cogitava do monumento á sua independencia. O nosso monumento á Independencia pouco differe da maquette exposta por Ximenez em Buenos Aires. Diferenciam-se, apenas, os grupos lateraes e o friso central com o motivo do "Grito do Ypiranga" — grosseira deturpação da grandiosa tela do pintor parahybano Pedro Americo. Grandiosa pictoricamente. Como documento historico, não sei...

Infelizmente, erigiram nesta cidade um "monumento" ao pintor Telles Junior, de autoria integral attribuida a Bibiano Silva — o que lhe annuviava o merecimento artistico. Graças ao bom senso (desconheço de quem) se acha reformado o alludido "monumento" —

obsequio pelo qual, quando o souber, gratissimo ficará Bibiano Silva.

Nesse "monumento", na sua feição original, executado por Bibiano Silva somente havia o busto em bronze do paysagista Telles Junior. A illupitana, implorando a caridade publica apoiada nas palmeiras-mirins onde saltitavam os sabiás canoros de Gonçalves Dias, nem a projectou nem a executou Bibiano Silva. Aliás, no marmore — isento da intervenção de Bibiano Silva — pairava toda a nullidade do "monumento". Trabalhou-o conhecido escultor paulista, cujo nome me reservo á delação. A este, tambem, não cabia a culpa dos erros de proporções notados no "monumento", em especial na figura allegorica de mulher. Inesperada falha no bloco de marmore forçou o procedimento consciente do escultor paulista; renunciar á esthesia. Perder o que estava feito não era possivel. A confecção do "monumento" fôra contractada por importancia tão mesquinha que se tornava impraticavel aos seus artifices a compra de novo bloco. Acresce que o Recife necessitava, urgentemente, "enfetar" as suas monumtas praças publicas. E, no particular, está positivamente constatado o Recife se contentar com qualquer coisa...

Investido, Bibiano Silva calava-se. Excusava-se á defesa. Para não consentir sobre o collega e collaborador o desencandear da grita injusta de uma accusação sem culpados.

Não há muito tempo, no Rio de Janeiro, estive com Bibiano Silva. Resoluto, animado do mais sadio entusiasmo, o artista ultimava a feitura do busto do sr. Presidente da Republica — que tive occasião de ver — destinado ao "foyer" do Theatro Municipal. Nelle, o escultor pernambucano se recommenda vantajosamente. Trabalho sem riqueza de detalhes mas intenso pela semelhança e modelado, não obstante a privação de minucias, sob acertada construcção anatomica.

Concomitantemente, Bibiano Silva cuidava da elaboração de movimentado grupo — inspirado numa lenda nortista. Reservava-o á mostra annual do Salão Nacional de Bellas Artes. Deante a maquette do referido grupo, Bibiano Silva disse-me: — "Espero que o meu trabalho enalteça Pernambuco".

E, sob a transparencia de tenue cortina de lagrimas incontidas os olhos do artista indagavam o seu affecto imperecivel á terra distante e exprimiam a violencia de martyrizante saudade — "aza de dor do pensamento".

Saudade, talvez, immerecida...